

EDITORIAL

O Anuário persiste há catorze anos pela dedicação na entrega, por cada médico, dos resumos das suas comunicações e publicações. Orgulhamo-nos deste exercício de cidadania e civismo de todos ¹, que colaboram em cada ano, com esforço e sem serem obrigados, na construção de uma memória científica colectiva. Se assim não fosse, já se teria perdido para todo o sempre imenso material comunicado e jamais publicado (mais de um milhar de resumos) representando mais de 80% da actividade científica dos médicos do Hospital ². Deste modo, o Anuário é uma base bibliométrica ímpar. A nível individual, poderá ser um instrumento auxiliar na elaboração do currículo de internos e assistentes, desde que estes enviem regularmente a sua produção científica; a nível colectivo, permite que a Instituição preste contas da sua actividade científica em qualquer momento, quer quantitativa quer qualitativamente.

A propósito de qualidade, a actividade científica deveria emanar cada vez mais da investigação clínica, tão pobre no nosso País, uma obrigação de clínicos que exercem em hospitais centrais ^{3,4}. Ou talvez não, como defende Maria Teresa Neto, a investigação jamais deverá ser obrigada, mas partir do gosto por e do prazer intelectual ⁵ (à semelhança do cariz voluntário do Anuário). A Reunião do Anuário foi criada precisamente para estimular tal gosto, premiando os melhores.

Para evoluir, porém, o Anuário precisa projectar-se para fora de portas. Deverá chegar a hospitais com serviços de pediatria, bibliotecas médicas, aos inúmeros clínicos dedicados à saúde infantil. Ao abranger uma comunidade científica muito mais vasta, será então mais fácil cativar patrocinadores e, quiçá, voltar a dispor de financiamento para a (mais amigável) publicação em papel. No entanto, a divulgação para o exterior deverá estar subordinada a uma maior exigência na qualidade do conteúdo científico difundido. Os resumos dos artigos publicados já terão sido submetidos à arbitragem por pares (*peer-review*); se os resumos dos trabalhos comunicados mas não publicados passarem também por idêntica arbitragem científica, o Anuário ficará com um valor incomparavelmente acrescido.

Para concluir, considero que o Anuário seria um documento mais completo se anualmente registasse a constituição das equipas clínicas de todos os serviços e unidades funcionais, assim como os cargos e os títulos de cada médico (informação também

fornecida voluntariamente). Teríamos, então, um verdadeiro “anuário vitae” e um excelente álbum de família.

Luís Pereira-da-Silva

Co-editor do *Anuário do Hospital de Dona Estefânia*

Referências

1. Pereira da Silva L. Editorial. *Anuário Hosp D Estefânia* 2003;11:V-VI.
2. Pereira-da-Silva L, Afonso S, Marques A. Actividade científica e de investigação num hospital central: análise retrospectiva de dez anos. *Acta Med Port* 2004;17:304-16.
3. Pereira-da-Silva L. Provimento nos hospitais centrais e universitários portugueses – forte penalização para quem investiga [Carta]. *Acta Med Port* 2001;14:537-8.
4. Pereira-da-Silva L. Que actividade científica importa? [Carta]. *Acta Med Port* 2005;18:95-6.
5. Neto MT. A propósito de actividade científica [Carta]. *Acta Med Port* 2005;18:93-4.